

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ
Programa de Pós-Graduação – Recursos Florestais

LCF5875 – Oficina de Educação Superior

Kenia Fernanda Aguiar Santos

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1984.

“O Brasil, país capitalista periférico, possui graves problemas educacionais e historicamente tem procurado resolvê-los, importando modelos e reflexões pedagógicas desenvolvidos em países centrais com características sociais e em estágios de desenvolvimento econômico completamente diversos dos seus.” (p. 7)

Neste livro de autoria de José Carlos Libâneo, são reunidos artigos escritos em diferentes momentos, no qual se faz uma análise crítica aos modelos educacionais existentes. Trata-se de uma ferramenta ao leitor-educador para à crítica da sua própria prática.

Sobre a **democratização da escola**, a qual se refere o título, segundo o autor, deve transcender o acesso das camadas mais pobres da população sem condições mínimas que a assegurem, e mesmo a mudança nos processos de decisão no âmbito do sistema escolar; sendo preciso democratizar o conhecimento.

“[...] Democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelos estudos, a dominarem o saber escolar; é ajuda-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade. Trata-se, enfim, de proporcionar-lhes o saber e o saber-fazer críticos como pré-condição para sua participação em outras instâncias da via social, inclusive para melhoria das suas condições de vida.

A democratização da escola pública, portanto, deve ser entendida aqui como ampliação das oportunidades educacionais, difusão dos conhecimentos e sua reelaboração crítica, aprimoramento da prática educativa escolar visando à elevação cultural e científica das camadas populares, contribuindo, ao mesmo tempo, para responder às suas necessidades e aspirações mais imediatas (melhoria de vida) e à sua inserção num projeto coletivo de mudança da sociedade.” (p. 12)

Libâneo, diz que não se alinha com a negação da escola atual ou ruptura total com a existente, propõe que um novo modelo passa por uma síntese superadora, a qual

passa pela presença maciça das crianças na escola, por professores preparados e comprometidos com as classes populares, e pela democratização do saber escolar.

Em defesa da **pedagogia crítico-social dos conteúdos**, entendendo por “conteúdo” os conhecimentos produzidos historicamente, vale a citação de Guiomar Namó de Mello:

“ a produção do conhecimento tem por base a expropriação do trabalho; no momento em que se constitui, interessa aos dominadores apresentá-lo e mantê-lo como propriedade e privilégio seus, mas, na realidade, ele é patrimônio coletivo da sociedade. Reapropriar-se dele constitui, nesse sentido, uma forma de luta legítima aos interesses populares. “ (p. 14)

1. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA ESCOLAR

No primeiro texto do livro, busca-se fazer um levantamento, ainda que precário (segundo o próprio autor), das tendências pedagógicas presentes nas escolas pela prática dos professores.

É preciso a clareza de tendências pedagógicas não aparecem em sua forma pura, nem sempre, são mutuamente exclusivas, muito menos captam toda a riqueza da prática escolar. São, aliás, as limitações de qualquer tentativa de classificação.

Utilizando como critério a posição que adotam em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola, que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade, as tendências pedagógicas foram classificadas em liberais e progressistas:

A - Pedagogia liberal

- 1- Tradicional**
- 2- Renovada progressivista**
- 3- Renovada não-diretiva**
- 4- Tecnicista**

B - Pedagogia progressista

- 1- Libertadora**
- 2- Libertária**
- 3- Crítico-Social dos conteúdos**

A - Pedagogia Liberal, manifestação própria da sociedade capitalista. Que embora difunda a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

A educação brasileira, tem sido marcada pelas tendências liberais.

1. Tradicional:

- O aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa:
- Preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade
- Conteúdos não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais
- Intelectualista, enciclopédica
- Ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas na memorização
- Disciplinar a mente e formar hábitos
- Autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos
- A aprendizagem receptiva e mecânica

2. Renovada Progressivista:

- Adequar as necessidades individuais ao meio social
- O processo de aquisição do saber é mais importante do que o saber propriamente dito
- "Aprender fazendo", valorizam-se as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas.
- Professor - auxilia o desenvolvimento livre e espontâneo da criança
- Aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma autoaprendizagem, sendo o ambiente apenas o meio estimulador
- Aplicação é reduzidíssima, não somente por faltar de condições objetivas como também porque se choca com uma prática pedagógica basicamente tradicional

3. Renovada não diretiva:

- Formação de atitudes, está mais preocupada com problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais.
- Autodesenvolvimento e realização pessoal
- Desenvolvimento das relações e da comunicação
- A transmissão de conteúdos é secundária
- Propõe uma educação centrada no aluno, visando formar sua personalidade inerente a sua natureza.
- O professor é um especialista em relações humanas,
- Auto avaliação.

4. Tecnicista:

- Subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de "recursos humanos" (mão-de-obra para indústria)
- Modeladora do comportamento humano
- Aperfeiçoamento da ordem social vigente, o sistema capitalista

- Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas.
- Os conteúdos decorrem da ciência objetiva, eliminando-se a subjetividade.
- Comunicação professor-aluno tem um sentido exclusivamente técnico
- O ensino é um processo de condicionamento

B - Pedagogia Progressista, tendências que, partem de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação.

“Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais.” (p. 32)

1. Libertadora:

- Conhecida como pedagogia de Paulo Freire:
- Educação crítica, questiona a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação destas
- "Temas geradores", extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos tradicionais são recusados porque cada pessoa, cada grupo, dispõem em si próprios, ainda que de forma simples, dos conteúdos necessários dos quais se parte.
- O importante não é a transmissão de conteúdo específicos, mas despertar uma nova forma da relação com a experiência vivida.
- Caráter essencialmente político
- Atua principalmente no nível da educação extraescolar
- Forma de trabalho - grupo de discussão
- Relações horizontais - educador e educandos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento.
- Compreensão, reflexão e crítica

2. Libertária:

- A escola deve exercer uma transformação na personalidade dos alunos num sentido libertário e auto gestor.
- Autogestão, o conteúdo e o método; resume tanto o objetivo pedagógico quanto o político.
- "Conhecimento" a descoberta de respostas às necessidades e às exigências da vida social e seu possível uso prático
- O professor é um orientador e um catalisador, ele se mistura ao grupo para uma reflexão em comum

“As versões libertadora e libertária têm em comum o antiautoritaríssimo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a ideia de autogestão

pedagógica. Em função disso, dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal (participação em discussões, assembleias, votações) do que aos conteúdos de ensino. Como decorrência, a prática educativa somente faz sentido numa prática social junto ao povo, razão pela qual preferem as modalidades de educação popular “não-formal”. “ (p. 32)

3. Crítico-social dos conteúdos:

- A difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais.
- Saber criticamente reelaborado.
- A escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é agir no rumo da transformação da sociedade.
- Parte das condições escolares existentes.
- Não estabelece oposição entre cultura erudita e cultura popular, mas uma relação em que, progressivamente, se passa da experiência imediata e desorganizada ao conhecimento sistematizado.
- Consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo um instrumental para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade
- Não se trata dos métodos dogmáticos de transmissão do saber da pedagogia tradicional, nem da sua substituição pela descoberta, ou livre expressão das opiniões, como se o saber pudesse ser inventado pela criança, como na concepção da pedagogia renovada
- Professor - tem mais experiência acerca das realidades sociais, dispõe de uma formação para ensinar, possui conhecimentos e a ele cabe fazer a análise dos conteúdos em confronto com as realidades sociais.
- Aprendizagem depende tanto da prontidão e disposição do aluno, quanto do professor e do contexto da sala de aula.

“[...] situar o ensino centrado no professor e o ensino centrado no aluno em extremos opostos é quase negar pedagógica porque não há um aluno, ou grupo de alunos, aprendendo sozinho, nem um professor ensinando para às paredes. Há um confronto do aluno entre sua cultura e a herança cultural da humanidade, entre seu modo de viver e os modelos sociais desejáveis para um projeto novo de sociedade. E há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudado a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.” (p. 44)

2. SABER, SABER SER, SABER FAZER: O CONTEÚDO DO FAZER PEDAGÓGICO

A formação do educador escolar vem abrangendo três dimensões da prática docente:

- Saber – formação do educador, competência técnica
- Saber ser – características pessoais positivas do educador
- Saber fazer – uso de ferramentas e metodologias didáticas

Difícilmente essas dimensões andam juntas, e a priorização ou ênfase para uma delas têm acarretado na fragmentação do pedagógico, técnico e político na ação escolar, retirando seu caráter de totalidade de mutualidade.

A respeito do saber fazer, no segundo artigo do livro, José Libâneo, defende que na ação pedagógica não deve ser um simples fazer, mas **um fazer crítico**, no rumo de uma concepção de educação voltada aos interesses das classes mais pobres da sociedade.

Para isso, assume quatro pressupostos:

1. Estreita interdependência entre educação e realidades sociais, sendo uma manifestação de condições sociais concretas e reais
2. Os interesses dos dominantes se opõem à formação da consciência de classe dos dominados, razão pela qual tentam dominar a escola, manifestando-se na forma de descaso pela educação
3. Levar a educação a sério contrapõe a educação vigente com uma nova cultura nascida entre as massas, trabalhando o senso comum dando-lhe uma expressão elaborada e que permita uma concepção de mundo adequada aos interesses populares
4. A escola pública deve ser um poderoso instrumento de progresso intelectual da massa, afirmando a indissociabilidade de competência técnica e sentido político

Para o autor uma pedagogia social de cunho crítica é feita, a partir da escola e dos professores que temos e do dia-a-dia da sala de aula.

Ainda em seu texto, aborda-se algumas críticas parcializantes feitas para a superação da crise da educação escolar, chamadas de pseudo-soluções:

Redução do trabalho escolar à ação política – privilégio de ações com foco exclusivamente sociopolíticos, ignorando aspectos pedagógicos e psicossociais.

“Se é verdade que a transformação da sociedade não se dará exclusivamente pela ação da escola, é verdade, também, que a luta pedagógica é uma parte das lutas políticas” (p. 49)

O democratismo – uma versão caricata do modelo de autogestão social, como alternativa a modelos de gestão autoritário, a proposta de organização das atividades pela ampla participação, sem organização ou controle; muitas vezes se manifesta em inércia grupal pela falta de organização, discussões

não objetivas, ineficácia no processo de decisão, diluição da responsabilidade individual, entre outros.

“Não há dúvida de que a superação do individualismo por processos grupais de tomada de decisão, o ideal de comunhão de ideias e do diálogo, a coliderança e a corresponsabilidade são metas mais do que desejáveis. Mas

[...]

Não se pode abandonar, por exemplo, os meios de organização da ação já aprendidos e eu garantem o dinamismo das instituições e grupos, embora não se descarte a possibilidade de submetê-los a críticas” (p. 51)

Critiquices antitécnicas e meios educativos – para os críticos do “saber fazer” todas as técnicas e meios pedagógicos são burocráticos e instrumentos do poder dominador exercido pelo professor, sendo restritoras dos processos de democratização da escola e da sociedade.

“ [...] desde que o educador tenha uma atitude crítica sobre o que pretende da atividade escolar, sobre a função do conhecimento e da ciência na sociedade, e que saiba como obter de forma mais eficiente e efetiva a participação das pessoas, não se justifica uma crítica intolerante às técnicas e instrumentos de ação. ” (p. 52)

Cinismo pedagógico ou a autonegação do papel de educador – recusa em aceitar qualquer ação em favor da escola, em virtude do seu caráter reprodutor, atitude cínica, que nega a possibilidade de ações positivas e transformadoras através da ação pedagógica.

Reformismo do curso de pedagogia – ilusão em acreditar que a reformulação de um curso pedagógico acarrete em mudanças que estão ligadas ao posicionamento crítico.

Diante desse cenário, Libâneo, finaliza com reflexões a respeito de saídas possíveis *“a partir da escola que temos e das possibilidade de trabalho dentro da sala de aula”*.

1 – Uma nova concepção escolar, considerará esse espaço como lugar disponível a lidar com as contradições a sociedade, problematizando as realidades percebidas, em uma rigorosa articulação dentre conteúdos e métodos. Sendo preciso o aprimoramento do ensino de conteúdos, dos usos de recursos da psicologia, das formas de direção, da forma de relacionamento professores-aluno, formando então indivíduos singulares capazes de transformar a sociedade.

2 – Os meios de fortalecimento da competência técnica do professor passam por uma sólida formação teórica, não excluindo formas de treinamento que lidem com a auto percepção e habilidade de manejo de classes e liderança de grupos.

3 – As práticas da organização escolar podem ser reavaliadas, porém com pés no chão, através de mecanismos de participação e envolvimento das partes como já se

faz em muitos lugares, através de conselhos de escola, núcleos de professores interessados na prática social, associação de pais, grupos de estudos, etc.

“Para além das versões parcializantes , a educação escolar deve recuperar sua unidade, através de uma perspectiva integradora. “ (p. 56)